

# O VIGIA

Carlyle Martins

*Como um vulto spectral, no pátio da fazenda,  
Na grande solidão dos caminhos que cruza,  
O Vigia parece o vulto de uma lenda,  
Andando aqui e ali, na noite erma e confusa.*

*Se é ditoso ou infeliz, alma alguma desvenda,  
Seu desígnio interior, haverá quem traduza?  
Noite a dentro, a rondar, numa luta tremenda,  
Como se fôsse uma alma extenuada e reclusa.*

*Ladram cães à distância. E êle, de ouvido atento,  
Quer escutar, na voz tristíssima do vento,  
Um grito, um ruído estranho, o ranger de uma porta.*

*De fôrça e de energia a sua alma se plasma,  
E de leve, a vagar, como um negro fantasma,  
Não dorme um só momento, a olhar a noite morta.*